

## A ASMA DO CORONEL

Alaor Chaves

A história é antiga e deu-se no sul de Minas. Do outro lado do rio ficava São Paulo, que progredia a cada ano. A rodovia asfaltada margeava o rio estreito de modo quase provocativo. Próximo dela, a rede de luz distribuía energia para as fazendas. De noite era aquela luzerna clareando a paisagem e dando inveja aos mineiros. A prosperidade era notada em tudo. Era jipe, caminhão, caminhonete, era trator, triturador elétrico de cana para tratar o gado. Do lado mineiro, o paradeiro de sempre.

O prefeito teve uma bela ideia. O município passaria a ser parte do estado de São Paulo. Os vereadores e alguns cidadãos ilustres apoiaram o projeto com entusiasmo e grandes esperanças. O que mais temos é terra boa, todos lembravam, o governo de São Paulo nos traz o progresso e lhe pagamos os bons impostos. O que governo mais gosta é de imposto. Quanto mais progresso, mais imposto. Havia alegre unanimidade, só faltava falar com o Coronel, o dono da última palavra nas questões da região. Formaram uma comissão de notáveis para ir falar com ele. Precisaram de três carros para levar a comitiva, liderada pelo prefeito.

Chegaram à fazenda do Coronel, por coincidência à margem do rio. O idoso senhor saboreava o frescor da tarde, no amplo alpendre da fazenda, sentado em sua cadeira de balanço. Desceram dos carros, cumprimentaram o Coronel com o devido respeito e solenidade. O Coronel, bonachão e simpático, percebeu que traziam algum problema e queriam a sua opinião. Mandou trazer cadeira para todos, ordenou que trouxessem água bem fresca e preparassem um bom café com quitandas.

Mas não tinha pressa em saber que problema lhe traziam, bom mineiro não vive a vida com pressa. Antes era preciso cumprir a liturgia de anfitrião. Aquele não era um grupo qualquer, só tinha gente respeitada na cidade. E todos eram também seus amigos, sempre leais à sua autoridade. Queria saber como andavam as suas vidas.

– E então, Otaviano, sempre na lida com as funções de prefeito. Mantém o apoio dos vereadores, além desses três?

– Graças a Deus, Coronel. O bem do município acima de tudo, esse é o fundamento da nossa união.

– Já nasceu a criança que sua filha tava pra ter, Ramiro?

– Nasceu sim, Coronel, já está até de umbigo curado. Sadia e bonitinha que só vendo, pela graça de Deus.

– Que Deus proteja a menina e a Dona Iolanda.

– Fechou o negócio da fazenda que tava comprando, Zé Boiadeiro?

– De escritura passada, Coronel. Tô começando a melhoria, tem muito trem desmazelado nas terras e benfeitorias.

Suas indagações prosseguiram, até que todos se sentissem devidamente cortejados. Só então perguntou:

– A que devo o prazer da visita dos amigos?

Explicaram o projeto. Se o Coronel aprovasse, ele mesmo comunicava aos dois governadores o interesse na transferência da jurisdição do município. Com o prestígio do Coronel, tudo ficaria mais fácil, um dos visitantes completou.

O Coronel ouviu e permaneceu calado, pensativo. Na sua abstração, corria os olhos pelos rostos interrogativos dos visitantes, e lançava também olhares para o outro lado do rio, onde o progresso resplandecia. De quando em quando comentava: “Ideia interessante, a de vosmecês, ideia avançada”. Soltava uns espirros, após os quais limpava o nariz com o lenço, mesmo que não houvesse o que limpar.

Finalmente chegou à sua pesarosa decisão:

– Ideia muito boa, mas não vai ser possível. É que não me dou bem com o clima de São Paulo.